

# A REDENÇÃO DOS FENÔMENOS CULTURAIS MIDIÁTICOS COMO POSSIBILIDADE NA EMANCIPAÇÃO SOCIAL DO ALUNO

SILVA, Valmir da – UFSM  
[silvadoril@mail.ufsm.br](mailto:silvadoril@mail.ufsm.br)

CARVALHO, Elvio de - UFSM  
[elviocarvalho@hotmail.com](mailto:elviocarvalho@hotmail.com)

AREND, Carline S. – UFSM  
[Ruivinha1986@gamil.com](mailto:Ruivinha1986@gamil.com)

Eixo temático: Comunicação e Tecnologia  
Agência Financiadora: PIBIC

## Resumo

Nosso trabalho de pesquisa bibliográfica se propôs a contribuir com a comunidade escolar e acadêmica no sentido de desvelar e compreender algumas práticas da mídia no seu processo de sistematização da cultura ideológica dominante no meio social. Partimos do pré-suposto que o sistema midiático é considerado o mais novo fenômeno predominante da legitimação cultural na contemporaneidade, levando o sujeito à resignação a partir da fetichização pelos seus produtos signos e ícones, largamente difundidos nos meios de comunicação. Situando se no âmbito da Filosofia da Educação, a pesquisa buscou por intermédio das contribuições de alguns teóricos da Escola de Frankfurt refletir sobre o papel pedagógico diante dos processos culturais moldados pelo paradigma da racionalidade instrumental, produto da Indústria Cultural, que transformou os produtos mercadológicos, oferecidos pela mídia, em matrizes do modelo de vida dos sujeitos na sociedade contemporânea. Partindo principalmente do diagnóstico cultural, da formação cultural e da dialética do esclarecimento, de Theodor W. Adorno e Horkheimer (1986) e da teoria social dialética de Kellner (2001), procuramos analisar alguns aspectos do qual a mídia se insere e se prevalece nos processos de afirmação cultural, estabelecendo uma influência resignativa na vida do indivíduo. Nesse sentido, investigamos as relações entre os Estudos Culturais, Mídia e Pedagogia Crítica Cultural, articulando-as com os mecanismos de significação das práticas pedagógicas no contexto escolar. Diante dessa perspectiva, acreditamos que uma ação crítica, contextualizada e significativa nas práticas pedagógicas do professor, poderá abrir novas possibilidades de provocar reações contrárias a essa linguagem cultural dominante, articulando, alunos, professores e comunidade na busca pela emancipação crítica e pessoal.

**Palavras chave:** Mídia e comunicação; Estudos culturais; Educação.

## **A Mídia: Considerações Iniciais**

O sistema midiático se destaca cada vez mais entre as principais ferramentas da Indústria Cultural contribuindo sensivelmente para a formação de padrões culturais, comportamentos e gostos dos sujeitos da sociedade contemporânea. Amparada pelas novas tecnologias ela rompe fronteiras fazendo com que mensagens, imagens, ícones e símbolos semelhantes cheguem a qualquer canto do planeta ao mesmo tempo. Assim, ocupa cada vez mais um lugar de destaque numa cultura mediada eletronicamente, contribuindo, e muito, para a formação de uma cultura visual de nossa sociedade. A televisão, por exemplo, promove aquilo que Wolton (1996) chama de laço social. E como isso ocorre? “Para Wolton, o espectador, ao assistir a TV, agrega-se a esse público potencialmente imenso e anônimo que a assiste ao mesmo tempo, estabelecendo assim, uma espécie de laço invisível, especular e silencioso” (WOLTON, 1996 p. 107- 110). Na verdade, essa realidade implica dupla significação: o laço entre os indivíduos e, conseqüentemente, entre os mais diversos grupos que compõem uma sociedade com características culturais semelhantes que pode estar sendo instigada por uma cultura dominante previamente ajuizada e mascarada nas formas sutis e dissimuladas pelo sistema midiático.

Para o sociólogo (BOURDIEU, 1997, p. 24), essa dissimulação pode se chamar *Fait Divers* implica em reflexões superficiais, e mostra ao mesmo tempo em que oculta, buscando com isso, única e exclusivamente, a emoção gratuita. Livre da substancialidade, logo, o consumidor transforma-se num mero colecionador de ilusões, no qual o espetáculo é a palavra de ordem. Para (DEBORD, 1997, p. 138), “o discurso espetacular faz calar, além do que é propriamente secreto tudo o que não lhe convém, o que se mostra vem sempre isolado do ambiente, do passado, das intenções, das conseqüências. Possuindo um consumo imediato, e provido de um caráter atemporal, “o *Fait Divers*, em suas diferentes manifestações, é utilizado, na mídia, com diversas abordagens: aparece no tratamento da realidade e da ficção, seja nas telenovelas, nos telejornais, nos ‘talk shows’, nos programas humorísticos, no noticiário da imprensa e na publicidade” (RAMOS, 1999 p. 35). Juntos, os meios de comunicação e o *Fait Divers* independem de estilo jornalístico, e mostram, ao invés de informar com veemência e aprofundamento, os fatos do dia, priorizam a superficialidade, com base no emocional.

## Os Estudos Culturais

Douglas Kellner (2001) fortemente influenciado pela Ciência Social Crítica, da Escola de Frankfurt, sobretudo por Adorno, e os Estudos Culturais Britânicos, encontra-se, entre os teóricos dos Estudos Culturais Críticos mais conceituados da contemporaneidade. Para se ter idéia, a Ciência Social Crítica consiste em um paradigma que possui em seu cerne a contribuição de cinco autores: Foucault, Hegel, Kant, Marx e Weber. Kellner herda a importância em dispensar atenção à mediação e à contextualização dos fatos em uma atividade de investigação crítica histórica dialética, o que facilita o entendimento de seus desdobramentos, pois, assim, tenta descobrir como e porquê, e não somente pelos argumentos do senso comum. Neste tipo de análise, o aspecto metodológico leva em conta também as relações de poder bem como os fatores econômicos, políticos e culturais que formam o contexto social do tema em questão. Portanto, influenciado pela Ciência Social Crítica, Kellner examina as relações existentes entre texto e contexto através de uma atitude crítica, inerente à pesquisa social crítica.

Em sintonia com a fase frankfurtiana liderada por Adorno, surge, no final dos anos 50, a corrente interdisciplinar chamada estudos culturais. Segundo Escosteguy (2001), fica estabelecido que as relações culturais, instituições e práticas culturais, assim como suas relações com a sociedade e as mudanças sociais, vão compor o eixo principal de observação do C.C.C.S (Centro de Estudos Culturais contemporâneos) da Inglaterra. Destes advém o conceito de cultura como “uma rede vivida de práticas e relações que constituíam a vida cotidiana, dentro da qual o papel do indivíduo estava em primeiro plano” (ESCOSTEGUY, 2001 p. 152 – 153). Um ponto importante dessa definição consiste em uma reivindicação de uma concepção ampla de cultura, ou seja, é questionada a divisão hierárquica entre cultura elitista e cultura de massa defendida por alguns frankfurtianos. Para o autor, o cerne da cultura, se transmite os mais variados modos de vida perpassados por relações de poder. Existindo assim, distinções decorrentes de classe, raça, poder etc., e isso está expresso no campo da cultura, que reflete, assim, as diferenças sociais, e não só as diferenças entre classes sociais.

Para Hall (1997), a bandeira mais importante dos Estudos Culturais é a preocupação com a mídia, com os resultados que ela tem produzido e divulgado, bem como com as formas como os diferentes grupos culturais e sociais são nela representados. Os diversos artefatos culturais

surgidos a partir dos avanços tecnológicos têm influenciado novas pesquisas nos Estudos Culturais, pois eles são práticas de representação que inventam sentidos e que circulam e operam nas arenas culturais onde o significado é enunciado e as hierarquias são estabelecidas. Nos Estudos Culturais, a cultura é entendida como o material de nossas vidas cotidianas e serve de base para nossas compreensões mais corriqueiras, passando a ser vista como uma forma de vida, idéias, atitudes, práticas, instituições, linguagens e relações. É por meio da representação que a identidade e a diferença estão ligadas a relações de poder. Silva (2000) ressalta que quem tem o poder de representar tem o poder de definir a identidade.

Nesse sentido, o conceito de representação cultural está ligado à virada lingüística e cultural e diz respeito à produção de significados sociais através da linguagem, que trouxe para o cenário o seu caráter constitutivo. É através da linguagem e dos sistemas simbólicos pelas quais elas são representadas que a identidade adquire sentido. Pois, é através dos discursos que nos posicionamos no mundo, e é fundamental compreender que ao interagirmos no mundo através da linguagem estamos construindo identidades, ou seja, estamos construindo os contextos sociais. Para Hall (1997), os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem falar.

Freire (1997) nos enriquece com seu olhar crítico sobre o poder da linguagem ideológica que reside numa lógica articuladora o seu discurso para justificar a realidade histórica, concebendo-a como necessária, imutável e natural. O grande esforço desse discurso é formar a opinião pública, buscando homogeneizar as consciências no seu modo de ver o mundo socioculturalmente produzido, para que as grandes massas aceitem a realidade como ela é. Esse fatalismo, sutilmente pregado e difundido pelo poder da linguagem midiática, exerce um papel de apaziguamento das camadas populares que, infelizmente, ao serem, convencidas por tal discurso, passam a comportar-se passivamente frente as imposições do sistemas dominantes. Segundo o autor, a reação contrária a esse discurso tem como ponto de partida a visão ética política do ser humano. Nesse sentido, a defesa de Freire é a defesa da ética humana que não deve aceitar como verdade os princípios da ética do mercado. A partir desse princípio é possível ver que a lógica neoliberal, ao defender o lucro acima de tudo e as leis do mercado como algo absoluto e intocável, está desconsiderando o valor maior que é a vida dos seres humanos. Nesse sentido, Freire explicita que,

O discurso da globalização que fala da ética esconde, porém, que a sua ética é a do mercado e não a ética universal do ser humano, pela qual devemos lutar bravamente se optamos, na verdade, por um mundo de gente. O discurso da globalização estruturalmente ocultou em sua penumbra a reedição intensificada ao máximo, mesmo que modificada, da medonha malvadez com que o capitalismo aparece na História. O discurso ideológico da globalização procura disfarçar que ela vem robustecendo a riqueza de uns poucos e verticalizando a pobreza e a miséria de milhões. O sistema capitalista alcança no neoliberalismo globalizante o máximo da eficácia de sua malvadez intrínseca (FREIRE, 1997, p. 144).

Outra grande transgressão ético política do neoliberalismo está em conceber a realidade humana como algo pronto e consolidado. Essa visão determinista reforça ao extremo uma posição conservadora que justifica a desumanização no mundo atual como sendo uma realidade natural e involuntária e, portanto, independente frente às práticas sociais efetivas. Esse é mais um traço do discurso neoliberal que denota seu viés profundamente ideológico e irresponsável diante do futuro da sociedade. A visão desse discurso concebe que.

Nada é possível de ser feito contra a globalização que, realizada por que tinha de ser realizada, tem de continuar seu destino, porque assim está misteriosamente escrito que deve ser. A globalização que reforça o mando das minorias poderosas e esmigalha(...) a presença dos dependentes (...) é destino dado. Em face dela não há outra saída senão que cada um baixe a cabeça docilmente e agradeça a Deus porque ainda está vivo (FREIRE, p. 129).

A proposta de Freire nos remete para a necessária de releitura dos atuais cenários do mundo contemporâneo com o objetivo de desvelar esta ideologia dominante que hoje está cada vez mais arraigada no cotidiano e na cultura da sociedade.

### **A Pedagogia Crítica da Mídia**

Segundo (RÜDIGER, 2002, p. 59), os estudos críticos de comunicação encontram-se, atualmente, divididos em três correntes: na economia política, nos estudos culturais e nos estudos culturais críticos. A cultura da mídia, segundo Rüdiger, transcodifica esteticamente as experiências e práticas sociais e, só assim, é que obtém ressonância na sociedade. A crítica cultural precisa analisar a mídia em relação às forças de dominação e as forças contra-hegemônicas de resistência. Desse ponto, origina-se o objetivo principal de (KELLNER 2001, p.

49 - 64), averiguar as questões que versam contra a dominação e também contra as relações estruturais de desigualdade e opressão ressaltadas pelos estudos culturais críticos. Assim, torna-se imprescindível analisar: de que modos determinados textos e tipos de cultura da mídia afetam o público; que espécie de efeito real os produtos da cultura da mídia exercem no meio social; que espécie de potenciais hegemônicos possibilita uma resistência crítica aos produtos da cultura midiática.

Para uma melhor compreensão desse fenômeno, (KELLNER, 2001, p. 38-39) afirma que a teoria social dialética pode estabelecer nexos entre partes isoladas da sociedade mostrando, por exemplo, de que modo a economia se insere nos processos da cultura da mídia, e para estabelecer nexos e relações das partes do sistema entre si e com o sistema como um todo, Kellner utiliza como parâmetro, a dialética. Nesse sentido, a teoria crítica social pode fazer um mapeamento do modo como a sociedade se organiza como um todo, delineando suas estruturas, instituições, práticas e discursos fundamentais, e o modo como eles se combinam formando um sistema social. Essa prática de estabelecer ligações entre as partes envolvidas no sistema, bem como a verificação de suas relações, recebe o nome de articulação. Este conceito traduz, portanto, o processo de organização do discurso midiático em seu contexto social. “Implica traçar as articulações através das quais as sociedades produzem cultura e o modo como a cultura, por sua vez, conforma a sociedade por meio de sua influência sobre indivíduos e grupos” (KELLNER, 2001, p. 39). Segundo o autor, para a mídia sempre vai prevalecer a forma dominante da cultura mercantilizada, a qual promove a socialização moldando a identidade das pessoas. Através de um véu sedutor que combina o verbal com o visual, a cultura da mídia, que é a cultura da sociedade, enfatiza Kellner, traduz uma ampla dependência entre comunicação e cultura. Através desta inter-relação, divulga determinados padrões, normas e regras, ensina o que é bom e o que é ruim, o que é certo e o que é errado; ajuda a formar identidades, fornece símbolos, mitos e estereótipos através de representações que modelam uma visão de mundo de acordo com a ideologia vigente.

A cultura midiática pode estimular a desagregação social utilizando, por vezes, de técnicas que visam a banalização de certos setores da sociedade, enfraquecendo-os, ao mesmo tempo em que pode incentivar a resistência e a luta contra as classes dominantes ao lançar mão de uma linguagem isenta, menos comprometida com o poder. Segundo (KELLNER, 2001, p. 13), o poder da mídia pode constituir um entrave para a democracia quando reproduz discursos

reacionários, promovendo o racismo, o preconceito de sexo, idade, classe e outros, mas também pode propiciar o avanço dos interesses dos grupos oprimidos quando ataca coisas como as formas de segregação racial ou sexual, ou quando, pelo menos, as enfraquece com representações mais positivas de raça e sexo. Cabe salientar, aqui, que não se trata de subestimar a inteligência do receptor. Muito menos afirmar que as notícias transmitidas são consumidas uniforme e passivamente. É evidente que o modo de absorção das informações varia de pessoa para pessoa. No entanto, não se deve superdimensionar a noção de receptor ativo. Tudo depende do contexto sociocultural de cada indivíduo. “A capacidade para produzir uma opinião está partilhada de forma desigual e, em particular, varia em função do capital cultural de cada indivíduo” (CHAMPAGNE, 1998, p.18).

Dentro dessa realidade, influenciado pela teoria crítica da sociedade, a qual contempla a Escola de Frankfurt e os estudos culturais britânicos, Kellner propõe a Pedagogia Crítica da mídia, segundo ele, “aprender como ler e criticar a mídia, avaliando seus efeitos e resistindo à sua manipulação, os indivíduos poderão fortalecer-se em relação à mídia e à cultura dominante”, assim, “criando seus próprios significados e usos fortalecendo-se com a matéria-prima extraída de sua própria cultura” (KELLNER, 2001, p. 10-12).

Nesse sentido, os sujeitos terão plenas condições de discernir o conteúdo midiático, produzindo novas formas de cultura, segundo Kellner,

[...] esses estudos explorarão algumas das maneiras como a cultura contemporânea da mídia cria formas de dominação ideológica que ajudam a reiterar as relações vigentes de poder, ao mesmo tempo que fornece instrumental para a construção de identidades e fortalecimento, resistência e luta. Afirmamos que a cultura da mídia é um terreno de disputa no qual grupos sociais importantes e ideologias políticas rivais lutam pelo domínio, e que os indivíduos vivenciam essas lutas através de imagens, discursos, mitos e espetáculos veiculados pela mídia (KELLNER 2001, p. 10-11).

Nesse sentido, podemos nos questionar o que resulta desta dominação cultural produzida pela mídia na sociedade? Qual é o cenário onde se dá essa produção de sentidos? Quais são os processos e os contextos históricos, sociais, políticos e econômicos em que se desenrolam as produções do discurso midiático e quais são seus reflexos na sociedade? Estas são algumas questões pertinentes a cultura das tecnologias midiáticas da comunicação dentro da realidade de

uma teoria crítica da sociedade, que merecem estar presentes nas reflexões dos sujeitos seja no contexto político, social e principalmente escolar.

### **Mídia e Educação: Considerações Finais**

Para nós, no papel de educadores, uma coisa é certa, não podemos ficar apenas nas afirmações que a mídia é produtora de cultura ideologicamente dominante. É preciso ir além. Segundo Foucault (2005), trabalhar objetos técnicos, imagens, textos, sons, produtos audiovisuais, e obras de arte, por exemplo, requer uma prática na qual assente-se as complexas relações existente no contexto histórico, tomando-os por dentro da discursividade e da materialidade da produção dessas verdades, que se procura veicular e reafirmar. Segundo o autor, é essa trama que precisa ser delineada, quando nos debruçamos, por exemplo, sobre materiais midiáticos audiovisuais, em articulação com a vida de alunos e professores em suas práticas pedagógicas cotidianas.

Silverstone (2002), em “Por que estudar a mídia?” Mostra como é impossível pensar as relações entre mídia e educação sem pensar em lutas de poder, em estratégias de controle globalizadas, em batalhas pelo controle das grandes redes de comunicação e, ao mesmo tempo, em lutas de grupos e indivíduos para terem acesso e participação quanto à informação e ao direito de voz e de expressão. O importante aqui é sublinhar que todas essas mídias, do rádio à internet e à televisão, têm um caráter de onipresença, tornam-se cada vez mais presentes em nossas experiências contemporâneas, e assumem características de produção, veiculação, consumo e usos específicos em cada lugar do mundo. Interessam-nos, então, os materiais e os sujeitos produtores e usuários dessas mídias, interessam-nos os modos de apreender os fatos da cultura, pelos mais jovens, modos que assumem particularidades quando vistos a partir do olhar de educadores, no cotidiano das vivências escolares. Segundo o autor, todas as pesquisas de recepção, com crianças e jovens de diferentes camadas sociais mostra que a grande preferência quanto a programas de televisão é a de narrativas ficcionais: filmes, telenovelas, seriados, minisséries, desenhos animados, não importa o endereçamento explícito, se os programas são destinados ou não a públicos infantis e juvenis. Nesse sentido, o que conta é o desejo de ver e



ouvir histórias, é como se todos buscassem naquelas narrativas um pouco da sua própria história, da história de seus afetos e medos, de seus desejos e sonhos.

Na visão de (KELLNER, 2001, p. 106), a cultura da mídia consiste, portanto, em um verdadeiro campo de batalha entre correntes hegemônicas e de resistência. Num cenário em que a qualidade da informação é inversamente proporcional ao índice de audiência, o racional é superado, com certa frequência, pelo conflito, “pela manipulação de temores e fantasias” no qual o discurso noticioso é substituído por um tipo de “discurso publicitário”, homogeneizador de identidades mercadológico sem aprofundamento, portanto, desprovido de reflexão, onde os meios ficam impossibilitados de justificar os fins. Se a mídia não chega a “congelar” mentes, no mínimo desvia a atenção dos assuntos realmente relevantes para as vidas receptoras.

A mídia banaliza a informação, promove o pensamento rápido, miserável. Fomenta o medo, as incertezas, as inseguranças e, sobretudo, a informação pobre, a crítica desnutrida de substancialidade. Faz receita e mantém a engrenagem em ação. Adorno e Horkheimer atribuem à ciência a missão de desmistificar a natureza. “Em uma época onde a opinião pública atingiu um estado em que o pensamento inevitavelmente se converte em mercadoria e a linguagem em seu esclarecimento, (...) a liberdade na sociedade é inseparável do pensamento esclarecedor” (ADORNO; HORKHEIMER 1986, p. 12).

Nessa perspectiva de redenção dos fenômenos culturais midiáticos como possibilidades na emancipação social do aluno, acreditamos que o desafio do professor e da comunidade escolar, será grande, pois, terão que trabalhar a desbanalização da cultura midiática. Nesse sentido, o educador deverá refletir sobre suas práticas pedagógicas a fim de desenvolver juntamente com os educandos, mecanismos de resistência diante da cultura do sistema ideológico dominante. O professor certamente terá que trabalhar estas questões pelo viés da conscientização do aluno, mostrando que renunciar a liberdade diante do sistema ideológico dominante, é abrir mão da própria qualidade que o define como humano, ficando não apenas impedido de agir, mas, privado de instrumentos essenciais para a se firmar como sujeito autônomo, construtor de sua própria história de vida.. É, portanto, de posse desses fundamentos que o educador deve-se valer para promover a formação da opinião pública do aluno no meio escolar, valorizando e garantindo sua intersubjetividade e emancipação crítica.

## REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. **A Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- CHAMPAGNE, Patrick. **Formar a Opinião. O novo jogo político**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina Damboriarena. **“Os Estudos Culturais”** in HOHLFELDT, 2001
- KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia**. São Paulo: EDUSC, 2001.
- RAMONET, Ignacio. **A Tirania da Comunicação**. Petrópolis Vozes, 1999.
- RAMOS, Roberto. **Anotações de sala de aula**. Porto Alegre: PUCRS, 1999.
- RÜDIGER, Francisco. **Ciência Social Crítica e Pesquisa em Comunicação: Trajetória histórica e elementos de epistemologia**. Porto Alegre: E@, 2002.
- WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público**. Uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Ática, 1996.
- HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. Educação & Realidade, 1997, v 22, n° 2, jul/dez.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- \_\_\_\_\_. **A produção Social da Identidade e da Diferença**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: 5ª ed. Vozes, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** Trad. Milton Camargo Mote. São Paulo: Loyola, 2002.